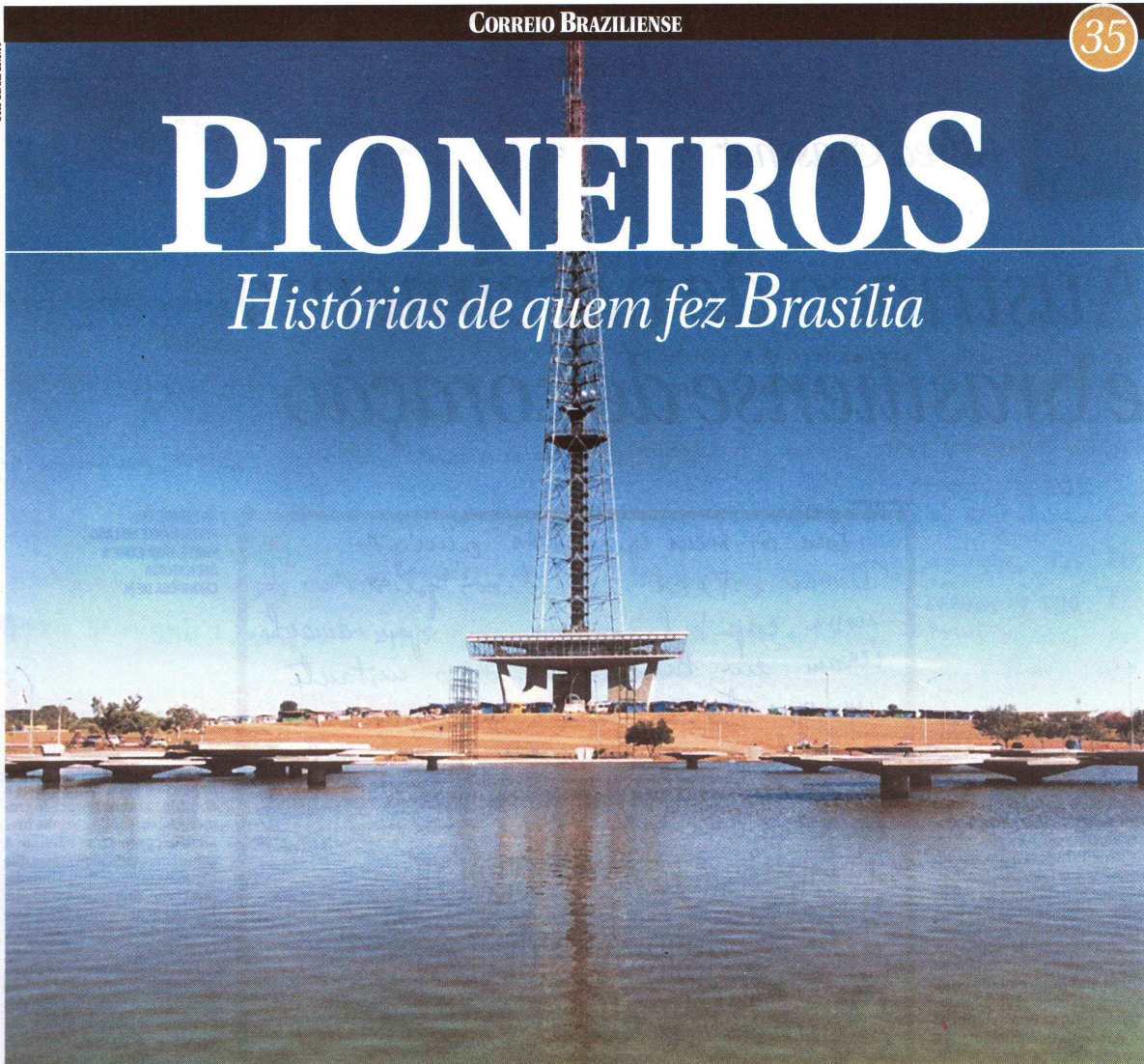


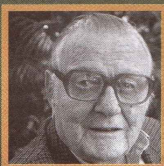
PIONEIROS

Histórias de quem fez Brasília

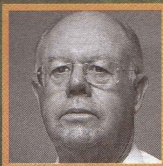


As carências da cidade em construção eram infindáveis, assim como as facilidades para quem resolvesse se unir ao sonho de transferir a capital federal para o interior do Brasil. Muitos chegavam para ficar apenas o tempo que o trabalho exigisse, mas acabavam se apaixonando pelo clima de aventura e prosperidade. As lembranças dos construtores e primeiros moradores da cidade são contadas semanalmente na série *Pioneiros* — *Histórias de quem fez Brasília*.

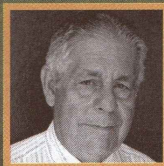
**Alfred
Grassner**



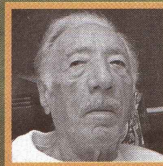
**Ary
Ribeiro**



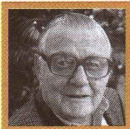
**Gedy R.
de Moraes**



**Martha Engel Pedro
de Souza Lettieri**



PIONEIROS



Alfred Grassner

Austríaco de nascimento e brasileiro de coração

Arquivo pessoal

Para os meus queridos amigos Diman e Fred, autênticos pioneiros da nova capital, condangos que amanheceram em Brasília, desde o instante em que tive a ventura de convocar o Brasil para o Planalto e que pela bondade, simpatia, espírito de colaboração se tornaram figuras marcadas na metrópole incipiente, o abraço de admiração e amizade de Juscelino Kubitschek.

POR QUE CONSTRUI BRASÍLIA

Juscelino Kubitschek

Fox JK. 4.1.76

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

“Um autêntico pioneiro.” Foi assim que o presidente Juscelino Kubitschek definiu Alfred Grassner em uma carta escrita em janeiro de 1976 para o prefácio do livro *Por que Construí Brasília*, mas que não chegou a ser publicada. “Ninguém mais tem uma carta afetuosa como essa e escrita pelo presidente de próprio punho, com a letra dele”, orgulha-se Alfred, ou simplesmente Fred, como gosta de ser chamado o fotógrafo e chef de cozinha austríaco. A relíquia está emoldurada e fica exposta na parede do restaurante Varanda do Fred, que o pioneiro toca ao lado da esposa, Marília. “Tem gente que vem aqui só para ver a carta, fotografia e pede para tirar xerox”, atesta Marília.

Fred chegou a Brasília no final de 1956, numa época em que a cidade não tinha praticamente nada. O motivo que trouxe o pioneiro do Rio de Janeiro foi dos mais nobres: um convite de ninguém menos do que Juscelino Kubitschek. “Estávamos tomando um café quando JK me chamou para vir para Brasília. Nem sabia o que eu vinha fazer aqui, mas topei na hora”, conta Fred. Somente chegando aqui é

que ele foi descobrir sua tarefa na nova capital: plantar o que seria uma reserva florestal: o Parque Nacional, antiga Água Mineral. “O acampamento, com

casas de madeira, era ali mesmo no meio do cerrado, do mato e dos bichos. A locomoção era feita sempre de jipe, tanto para chegar como para andar lá den-

tro. Como eu sou um apaixonado pela natureza, não me importei muito com isso, mas alguns companheiros não gostavam muito”, lembra Fred.

NA PAREDE DO RESTAURANTE NO LAGO NORTE, FRED EXIBE A DEDICATÓRIA DE JUSCELINO KUBITSCHEK

Ali, o chef podia unir sua admiração pela natureza à outra paixão: a culinária. “Às vezes bancava o cozinheiro e fazia a comida. Tinha sempre ingredientes básicos da cozinha brasileira, como arroz e feijão. A gente conseguia uma massa que alguém trazia de outra cidade. Já a carne, tínhamos à vontade. Era só caçar”, conta Fred, que cozinha desde que era menino, lá na Áustria.

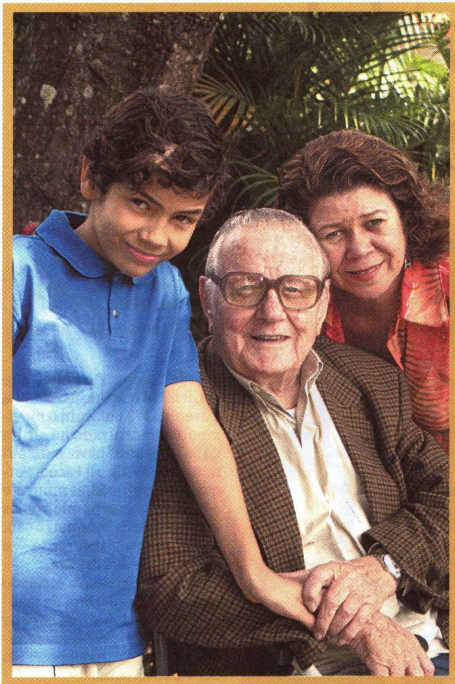
Fred Grassner chegou a Brasília apenas quatro anos depois de vir para o Brasil fugindo dos horrores de um pós-guerra europeu — a Segunda Guerra já havia terminado, mas a mente das pessoas ainda estava impregnada com os horrores de uma atrocidade como aquela.

Veio para Brasília para atender o pedido do presidente da República e à procura de uma cidade mais tranquila, como era a Viena de seus tempos. “Brasília não era uma cidade tão brutal como o Rio de Janeiro e como a Áustria toda estava naquela época. Era boa de se morar, era tranquila. A Europa estava destruída e precisava ser reconstruída. Já Brasília estava sendo construída e havia um clima de esperança muito grande nas pessoas”, compara.

PIONEIROS

O pioneiro veio para o Brasil fugindo do pós-guerra. A mudança do Rio para Brasília ocorreu a convite de JK. Foi o primeiro embaixador da Áustria na nova capital

FRED, MARÍLIA E UM DOS NETOS: BRASÍLIA É A MELHOR CIDADE DO MUNDO



Diferenças

É claro que as diferenças entre as duas cidades eram muito grandes e a distância da família — o irmão e o pai morreram na Áustria e a mãe veio para Brasília somente mais tarde — aumentava a saudade. “Senti muito a falta da minha família. Chorava muito. Aliás choro até hoje. Tenho saudades de coisas que eu só tinha na Áustria, como a neve, por exemplo”, afirma Fred.

Com a transferência da capital brasileira definitivamente para Brasília, as embaixadas começaram a vir para cá também. Na hora de nomear o cônsul representante da Áustria, a escolha não podia ter sido melhor. “O governo austríaco não tinha muita escolha: só podia ser eu”, brinca Fred. Nessa época — início da década de 70 —, festas mais do que badaladas foram dadas na casa do pioneiro para receber as autoridades austríacas que estavam de visita oficial ao Brasil. “Eram festas memoráveis. Quem tinha nome ou posição estava lá”, afirma ele.

Em uma dessas festas, Fred conheceu sua esposa, Marília. “As festas dele eram ótimas e ainda serviram para nos unir”, comenta ela. Mesmo servindo o governo da Áustria, Fred Grassner sentia-se cada vez mais brasileiro e foi por sugestão de Juscelino — sempre ele — que o pioneiro se tornou um cidadão brasileiro, abdicando, dessa forma, de sua cidadania austríaca. “Tinha que ser assim. JK me fez brasileiro e hoje eu tenho muito orgulho disso”,

afirma o pioneiro, que se diz austríaco de nascença, brasileiro de documento e brasileiro de coração. “Ele é muito mais brasileiro do que eu, pois essa nacionalidade foi uma escolha dele, uma opção mesmo. Ele poderia muito bem ter continuado um cidadão austríaco”, enaltece Marília.

Além de vir para Brasília, outro sonho de Fred — esse bem mais antigo — era o de abrir um restaurante. E foi justamente aqui que isso foi acontecer. Primeiro, na Asa Norte, com o Alfred, depois na Asa Sul, com o Fred, e agora, no Lago Norte, com o Varanda do Fred, um restaurante bem conceituado e

bastante reconhecido na cidade. “Fiz questão de que o restaurante funcionasse aqui em casa, pois essa é uma característica bem européia, que remete às lembranças que o Fred tem da Áustria e da infância dele”, afirma a esposa do pioneiro, que hoje ajuda Fred a tocar o negócio. “Hoje temos clientes que nos acompanham desde a primeira casa, passaram pela segunda e vêm aqui, na terceira”, garante um orgulhoso e satisfeito Fred.

Depois de ser o primeiro cônsul austríaco na nova capital, Fred foi ser representante no Brasil da companhia aérea holandesa KLM, uma das mais

“ESTÁVAMOS TOMANDO UM CAFÉ QUANDO JK ME CHAMOU PARA VIR PARA BRASÍLIA. NEM SABIA O QUE EU VINHA FAZER AQUI, MAS TOPEI NA HORA”

Raio X

Nome: Alfred Grassner
Idade: 81 anos
Origem: Viena, Áustria, mas veio para a cidade a partir do Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília: 1956
Profissão: Fotógrafo e *chef* de cozinha
Estado civil: Casado
Esposa: Marília
Filhos: Christiane, Verônica e Jonathan
Netos: Andreas, Arthur e Sabrina
Bisnetos: Thiago e Giulia

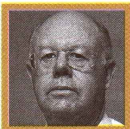
Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira (rozaneoliveira@tecnolink.com.br) Reportagem Bianca Chiavicatti, Stela Maris Zica e Vinícius Nader Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Braziliense Revisão João Neto Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados



PIONEIROS



Ary Cícero de Moraes Ribeiro

Desejo de participar da mudança do Brasil

BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

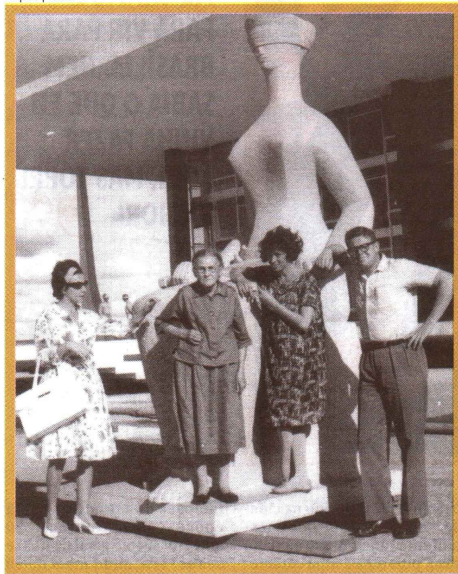
"Aquele céu de 180 graus e o gigantesco movimento de obras por toda parte eram impressionantes", responde o jornalista Ary Cícero de Moraes Ribeiro, 69 anos, quando perguntado sobre o motivo que o atraiu para Brasília. O encantamento se deu por acaso. A nova capital ainda era uma incógnita para a maioria dos brasileiros. "Falava-se muito a respeito, mas a verdade é que pouco sabíamos, de fato, sobre os acontecimentos na construção da cidade", conta. Ary lembra de uma exposição no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, em que foi apresentado o projeto da cidade.

A curiosidade do jovem repórter seria sanada durante a cobertura da visita do presidente italiano Giovanni Gronchi ao Brasil, em setembro de 1958. Na época, Ary iniciava a carreira no jornal *O Estado de S. Paulo* e vivia na capital paulista.

O bimotor que trazia Ary e o fotógrafo Domicio aterrissou no primeiro aeroporto da futura capital federal, um galpão de madeira com infra-estrutura mínima para receber os passageiros. Um jipe aguardava a dupla para levá-la até o recém-concluído Brasília Palace Hotel.

Do aeroporto, que ficava na altura da atual QL 4 do Lago Sul, o jipe atravessou uma ponte de madeira e desceu por uma estrada

Arquivo pessoal



ARY COM A ESPOSA, A AVÓ E UMA AMIGA EM FRENTE AO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, EM 1961

de terra que não existe mais, ficava na região que mais tarde seria inundada pelo Lago Paranoá. "No caminho, vi apenas esqueletos de ferro e concreto, as duas torres do edifício do Congresso Nacional", recorda.

Asfalto só existia a uns 20 metros do hotel. Dali, conta o jornalista, era possível avistar o Palácio da Alvorada, sem cercas, que havia sido inaugurado três meses antes. "Não havia jardins nem nada, apenas aquelas formas deslumbrantes em meio ao descampado", descreve.

O lançamento da pedra fundamental da embaixada da Itália,

motivo pelo qual Gronchi chegara ao Planalto Central, aconteceu no dia seguinte, no meio do cerrado virgem. Terminada a cerimônia, Ary e o fotógrafo retornaram a São Paulo. Mas a imagem única da futura capital federal estava marcada na memória do repórter.

Outro presidente

O retorno a Brasília só aconteceria em fevereiro de 1960. o repórter fazia parte da equipe do jornal encarregada de cobrir a visita do presidente norte-americano Eisenhower. "Chegamos a Brasília de manhã e voltamos

à tarde", conta. Do pouco que viu, lembra que Brasília já tinha a avenida W3 Sul, com o movimento concentrado na altura da 507 Sul, onde havia o restaurante Chez Ville e a Escola Parque, algumas quadras prontas e a Esplanada com os ministérios em fase final de construção. "Tudo era diferente e impressionante", declara.

Ary também estava escalado para fazer a cobertura da inauguração da capital, em abril de 1960. Mas um problema familiar obrigou-o a permanecer em São Paulo na ocasião.

A equipe que veio, por sua vez, foi pega de surpresa pelos acontecimentos e o que seria apenas uma visita de trabalho transformou-se em mudança definitiva para a nova capital. "Ninguém imaginava que, no dia seguinte à inauguração, os três poderes já estariam funcionando aqui", explica. Mas o Congresso, o Supremo Tribunal Federal e as representações de alguns ministérios iniciaram o expediente em Brasília assim que a cidade foi inaugurada. Por causa disso, a equipe do jornal não pôde retornar a São Paulo.

Mudança

O desejo de mudar-se para o novo Distrito Federal, entretanto, já havia sido manifestado para o jornalista. Ary estava empolgado com a ideia de participar da mudança do Brasil. "O país era um antes de Juscelino

Kubitschek", afirma. "A inauguração de Brasília deu perspectiva nova à nação, que passou a acreditar no seu próprio potencial. Foi a melhor época que o país viveu", completa.

Além disso, Brasília se apresentava como uma boa oportunidade para um jovem casal. A esposa, Rosa Nemer Ribeiro, concordava. Ela também já conhecia Brasília. Havia estado aqui em maio de 1958, numa viagem-prêmio aos concluintes do curso científico (Ensino Médio) do Ginásio Estadual de São João da Boa Vista (SP).

Não foi preciso esperar muito. Em junho de 1960, por conta da desistência do jornalista Wladimir Herzog de permanecer no Planalto Central, Ary foi transferido para cá.

Os jornalistas que já faziam a cobertura do governo Federal no Rio de Janeiro receberam imóveis para morar no Distrito Federal. Os repórteres que não eram credenciados, por sua vez, ficaram instalados por cerca de dois meses em um prédio anexo ao Brasília Palace Hotel. "Não havia imóveis para alugar porque todos pertenciam ao governo federal", diz Ribeiro. "A outra opção era a Cidade Livre, mas lá já estava cheio demais", completa.

O trabalho consistia em cobrir as atividades do Plenário, que entravam pela madrugada. As matérias eram passadas por telefone pelo colega de profissão Jorge Honório.

PIONEIROS

Antes da mudança definitiva para Brasília, o jornalista esteve por duas vezes no local onde estava sendo construída a nova capital, fazendo matérias para *O Estado de S. Paulo*

A VONTADE DE MORAR EM BRASÍLIA FOI COMPARTILHADA PELA ESPOSA, NORMA. FOI AQUI QUE DECIDIRAM CRIAR OS FILHOS



Mesmo depois de inaugurada, Brasília continuava um canteiro de obras. A Asa Sul tinha algumas quadras prontas, que eram conhecidas pelo nome dos institutos de aposentadoria que as construíam, e a Asa Norte era pouco mais que o Eixão. Comércio, mercados, restaurantes e lazer eram muito precários, mas ninguém reclamava.

O clima de solidariedade confortava os que estavam sós, e a euforia de ver surgir a nova e moderna capital no meio do cerrado contagiava as famílias que escolheram construir um futuro novo aqui.

Depois de dois meses no Brasília Palace, Ribeiro recebeu o primeiro apartamento funcional no Distrito Federal, na quadra 304 Sul. O grupo de jornalistas que estava vivendo em Brasília, mas não tinha direito a imóveis funcionais, organizou-se e solicitou a JK moradia, uma vez que também realizavam a cobertura diária do governo federal. O presidente imediatamente disponibilizou 40 apartamentos, em vários endereços no Plano Piloto. O imóvel permitiu que a esposa, Rosa, acompanhasse Ary em Brasília.

Ainda não tinha asfalto na 304 Sul. Quando chovia, a região que circundava o bloco virava um lamaçal. Em dias de sol, era a poeira que incomodava, com os rodamosinhos característicos da cidade naquele tempo, que terminaram apelidados de *lacerdianas*. "Eram chamados assim porque, durante um discurso, Carlos Lacerda referiu-se ao fenômeno de forma depreciativa, numa das inúmeras críticas que fez à transferência da capital", afirma o jornalista.

Dos primeiros meses na cidade,

Rosa lembra de um fato que a impressionou pela rapidez com que as obras eram concluídas aqui. A quadra 305, vizinha ao lugar onde moravam, ainda não estava construída. Numa manhã, ao levar as crianças para brincar embaixo do bloco, Rosa deparou-se com toda a superquadra cercada de tapumes e um movimento intenso de tratores, serras elétricas e homens trabalhando lá dentro. Todo o serviço havia sido feito da noite para o dia. Pouco tempo depois, também ao acordar, percebeu a retirada dos tapumes e a quadra pronta para ser habitada.

Palácio do Planalto

Depois de cobrir o Congresso por seis meses, Ary passou a cobrir as atividades do Palácio do Planalto. Ali, participou de grandes eventos políticos, fatos marcantes da história do país, como o período em que Jânio Quadros governou o país.

Desta época, conta que Jânio paralisou a construção de Brasília ao instalar diversas comissões parlamentares de inquérito para descobrir corrupção no processo de transferência da capital. Nada foi encontrado. "Havia muita gente honesta naquele projeto", opina o jornalista.

Em outra ocasião, os repórte-

res que cobriam o Palácio foram informados da noite para o dia de que Che Guevara chegaria a Brasília e seria condecorado pelo presidente. "A uma distância inferior a dois metros, vi Jânio Quadros entregar a insígnia da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul a Guevara", conclui.

Quando o presidente renunciou à Presidência da República, em 1961, Ary foi o primeiro a dar a notícia, para a Rádio Eldorado de São Paulo, empresa do mesmo grupo do jornal *O Estado de S. Paulo*. Cobriu também o tumultuado governo de João Goulart e o período de Castelo Branco.

As sucursais do jornal e também de outras empresas, como *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Revista Manchete*, *Diário de Notícias* e *Correio da Manhã*, ocupavam algumas casas cedidas pelo governo na 707 Sul.

Ary cobriu o Palácio do Planalto por cinco anos e passou a trabalhar na diretoria da sucursal, como secretário de redação. Nesta função, coordenava a seleção das matérias que seriam enviadas para São Paulo. Uma inovação tecnológica da época chegara a Brasília e facilitara o serviço: o teletipo. O repórter batia a matéria aqui e as palavras eram impressas em uma fita que saía em São Paulo. As fo-

tografias, que antes iam por avião, agora também eram enviadas pelo telefoto, uma espécie de fax onde a cópia da imagem era transmitida para o outro estado.

Em 1968, decidiu estudar Direito na Universidade de Brasília. Estava em uma das aulas da faculdade quando as tropas do Exército invadiram a universidade. "Quando vi o que acontecia, fui à reitoria, que ficava próxima, e telefonei ao jornal pedindo que enviassem uma equipe", revela.

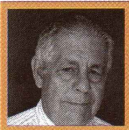
Ary foi funcionário do *Estado de S. Paulo* até 1994. Em 1967, ingressou também no Departamento de Divulgação do Senado Federal, onde aposentou-se por tempo de serviço. Depois de secretário de redação da sucursal, voltou a cobrir a Câmara dos Deputados, onde presidiu o Comitê de Imprensa da Constituinte de 1988. Por trabalhos realizados, foi agraciado com a Ordem do Congresso Nacional, por indicação de Ulysses Guimarães.

Já aposentado, foi diretor-geral da Imprensa Nacional até 1995, quando demitiu-se para assumir o cargo de assessor de comunicação social da presidência do Tribunal Superior do Trabalho, onde permaneceu por quatro gestões.

“NINGUÉM IMAGINAVA QUE, NO DIA SEGUINTE À INAUGURAÇÃO, OS TRÊS PODERES JÁ ESTARIAM FUNCIONANDO AQUI”

Raio X

Nome: Ary Cícero de Moraes Ribeiro
Idade: 69 anos
Origem: Águas da Prata, São Paulo
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Jornalista, advogado e funcionário público aposentado
Esposa: Rosa Nemer Ribeiro
Filhos: Cícero e Erich
Nota: Laura



Gedy Rodrigues de Moraes

Em 1959, o pioneiro para o Rio Grande

Construção e consolidação acompanhadas de perto

BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

Quando o gaúcho Gedy Rodrigues de Moraes foi escalado para inaugurar a agência da Viação Aérea Riograndense — Varig, no futuro Distrito Federal, Brasília era apenas mais uma cidade na qual o aeroviário teria que trabalhar. “Não tinha noção de sua grandiosidade”, admite.

A sede da empresa ficava em Porto Alegre e o transporte aéreo era de fundamental importância para a consolidação da transferência da capital federal, uma vez que o transporte rodoviário para cá era muito precário. “Não havia ligação por rodovias nem de Belo Horizonte para cá”, revela.

O desembarque no Planalto Central aconteceu em dezembro de 1959. O Plano Piloto ainda era um canteiro de obras e, por isto, a maioria das empresas permanecia instalada na Cidade Livre, que era o principal centro comercial. Acompanhado de técnicos operadores de rádio, mecânicos de avião e outros funcionários, Gedy passou a residir na mesma construção de madeira onde a primeira agência da Varig foi montada aqui.

“A Cidade Livre era interessante porque era feita de barracos de madeira, mas não do tipo que vemos nas invasões e favelas do país”, afirma. “Eram construções com relativo conforto, algumas

Arquivo pessoal



GEDY (D), DURANTE O DESEMBARQUE DO PRESIDENTE COSTA E SILVA EM BRASÍLIA

até com ar refrigerado movido a energia de gerador”, completa.

O trabalho de Gedy dividia-se entre a administração da agência e o atendimento aos passageiros no aeroporto. A companhia tinha dois vôos diários e o aeroporto ficava na região atrás do local onde hoje está o Gilberto Salomão, na Base Aérea. A agência contava com apenas três funcionários, de modo que todo o trabalho tinha que ser dividido entre eles.

O aeroporto não se parecia nada com a construção moderna que existe hoje. Era um grande galpão de madeira, com a infra-estrutura mínima necessária. Mesmo assim, o movimento de passageiros era intenso. Além de alguns funcionários da administração federal, desembarcavam aqui empresários e muitos turistas, inclusive estrangeiros. “Havia uma curiosidade mundial sobre o projeto de Oscar Niemeyer”, diz o gaúcho. “Mui-

tos chegavam de manhã e retornavam à noite”, completa.

O aeroviário conta que a Cidade Livre, além de ser muito movimentada, possuía bons restaurantes — Chez Ville, Caraveli e Churrascaria do Júlio. Mas nos finais de semana, Gedy, que ainda era solteiro, ia para o Rio de Janeiro.

Plano Piloto

Depois da inauguração da capital, a agência da Varig mudou-se

para a 507 Sul, na avenida W3. O pioneiro lembra-se da rua ainda sem asfalto durante algum tempo. Alguns restaurantes da Cidade Livre também mudaram-se para lá, como o Chez Ville e o Caraveli. Na avenida, instalaram-se também várias agências bancárias, outras empresas aéreas e poucas lojas.

Em abril de 1960, Gedy recorda que houve uma transferência em massa de funcionários da administração federal do Rio de Janeiro para cá. Nem todos os imóveis estavam prontos. Apenas os primeiros, construídos pelos institutos de aposentadoria sob ordem de JK, estavam com algumas unidades concluídas.

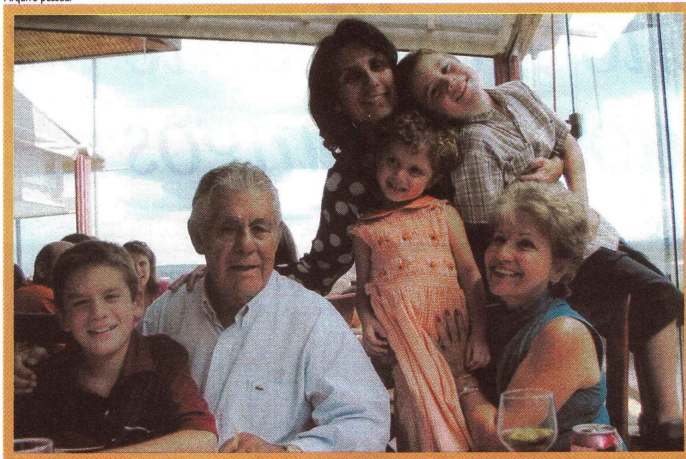
Para organizar a distribuição dos apartamentos entre esses funcionários e os parlamentares que passariam a ter residência aqui, o governo criou o Grupo de Trabalho de Brasília (GTB), cujo escritório ficava próximo à Varig, na W3 Sul.

As quadras residenciais eram conhecidas pelos nomes dos institutos que as construíam: 108, 308 e 114, do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários (IAPB); 105 e 305, do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriais (IAP); 107 e 307, do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes (IAPC) etc. Suas funções foram assumidas pelo Instituto Nacional de Previdência Social.

iro chegou a Brasília sem a intenção de ficar. Cumpriria sua missão e voltaria
e do Sul, sua terra natal. Em 1961, casou-se na nova capital e decidiu permanecer

**GEDY E A FAMÍLIA
AMAM A CIDADE E
NÃO PRETENDEM
SAIR DAQUI**

Arquivo pessoal



Neste período, Gedy passou a residir no apartamento de um amigo, na 208 Sul. Recorda de dados interessantes do período de fixação da capital aqui, como a construção das quadras 409, 410, 412 e 413 Sul, pelos intituos, e as casas das 700, pela Fundação da Casa Popular, entidade sediada no Rio de Janeiro. "A transferência da capital para cá exigia a acomodação de parlamentares e funcionários públicos de alto escalão, mas também de funcionários menos qualificados e contínuos", diz. "As quadras 400 e algumas casas das 700 foram feitas para abrigar estes servidores", completa.

No início, apenas o governo construiu no Distrito Federal, porque a iniciativa privada não acreditava na consolidação do projeto de JK. Depois da inauguração, novos investimentos passaram a vir para cá. A quadra 113 Sul, por exemplo, as casas maiores nas quadras 700 da Asa Sul foram construídas neste período.

A Asa Norte, por sua vez, permaneceu quase intacta. Poucas quadras construídas, muito mato, o Eixão ainda por asfaltar e a avenida W3 esperando ser ocupada pelo comércio. A ocupação do lado norte do Plano Piloto foi lenta porque a W3 Norte deveria receber os comerciantes da Cidade Livre, que seria destruída.

Mas nem todos quiseram deixar a primeira cidade de Brasília, que terminou sendo mantida e batizada de Núcleo Bandeirante. "Em 1961, Jânio Quadros fez de tudo para acabar com a Cidade Livre, mas não conseguiu", afirma Gedy. Mesmo assim, a W3 Norte ganhou um pouco de vida com o funcionamento de alguns restaurantes e outros comércios.

Caldeirão cultural

Em 1961, o pioneiro conheceu e casou-se com a professora Maria Helena Moraes. Os dois passaram a viver no apartamento que ela, como funcionária pública, recebera, na 412 Sul.

O casal permaneceu nesse endereço por três anos e mudou-se para a 114 Sul, depois de uma troca de imóveis conseguida por Gedy. Aos poucos, o que era para ser temporário terminou virando definitivo e o aeroviário não pensou mais em voltar para Porto Alegre, de onde saíra em 1959, em missão especial da Varig. Por conta da dedicação e a qualidade do trabalho executado, em 1963, foi promovido a gerente geral da Varig.

Dos primeiros anos em Brasília, o pioneiro diz que o mais interessante era viver entre pessoas das mais diferentes origens, num clima de paz, harmonia e solidariedade. "Brasília era uma grande feira de amostras de hábitos, costumes, raças e religiões", diz. "Um lugar onde conviviam cariocas, baianos, paulistas, mineiros, goianos, enfim, gente de todos os cantos do país, talvez uma experiência única em todo o mundo", conclui.

Esta mistura de culturas ter-

“
**A TRANSFERÊNCIA
DA CAPITAL PARA CÁ
EXIGIA A
ACOMODAÇÃO DE
PARLAMENTARES E
FUNCIONÁRIOS
PÚBLICOS DE ALTO
ESCALÃO, MAS
TAMBÉM DE
FUNCIONÁRIOS
MENOS
QUALIFICADOS E
CONTÍNUOS. AS
QUADRAS 400 E
ALGUMAS CASAS DAS
700 FORAM FEITAS
PARA ABRIGAR ESTES
SERVIDORES**
”

minou por gerar a formação de vários grupos voltados para a manutenção das tradições e culturas regionais, como a Casa do Ceará, a Casa do Maranhão e o Centro de Tradições Gaúchas (CTG), do qual ele faz parte desde a criação em Brasília.

O aeroviário recorda também de um fato importante da história da cidade, do qual participou como membro do Lions Clube do Brasil: a Campanha de Erradicação de Invasões (CEI), iniciada durante o governo local do conterrâneo Hélio Prates da Silveira, na década de 70. A campanha, que retirou milhares de famílias de uma invasão próxima ao Núcleo Bandeirante, deu origem a Ceilândia, uma das maiores cidades do Distrito Federal.

O Centro Empresarial Varig, que vemos hoje no início da W3 Norte, também tem o dedo de Gedy. A escolha do terreno, em 1971, foi feita por ele numa época em que naquela região ainda não havia nada construído. "Foi o primeiro terreno comprado no Setor Comercial Norte", revela.

Em 1995, a esposa, Maria Helena, faleceu. Em 1997, o gaúcho casou-se novamente com a professora conterrânea Ivone Martins de Moraes.

Raio X

Nome: Gedy Rodrigues de Moraes
Idade: 74 anos
Origem: São Borja, Rio Grande do Sul
Ano de chegada a Brasília: 1959
Profissão: Aeroaviário aposentado
Esposa: Ivone Martins de Moraes
Filhos: Edmea e Beatriz
Netos: Augusto, Gabriel, Helena e Giulina
Títulos
Fundador e sócio atuante do Centro de Tradições Gaúchas de Brasília, diretor do Lions Clube Brasília Três Poderes,
Homenagens
Amigo da Marinha (1960), Cruz Vermelha Brasileira (1972), Medalha do Pacificador — Min. Exército (1972), Mérito Santos Dumont — Min. Aeronáutica (1974), Medalha do Mérito Jornalístico (1975), Ordem do Mérito Rio Branco Grau de Oficial (1975), Ordem do Mérito Brasília Grau de Oficial (1975), Ordem Tamandaré — Min. Marinha (1980), Mérito Judiciário do Trabalho, Grau de Oficial (1982), Mérito Alvorada — GDF (1982), Mérito Tiradentes — PM/DF (1987), Ordem do Mérito Congresso Nacional, Grau de Oficial (1988), Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho — JST Grau de Comendador (1988), Ordem do Mérito Militar — Min. Exército Grau de Cavaleiro (1988), Ordem do Mérito Forças Armadas — EMFA — Grau de Cavaleiro (1989), Ordem do Mérito Rio Branco, Grau de Comendador (1990), Ordem do Mérito Judiciário Militar — STM

PIONEIROS



Martha Margareta Karin Engel de Souza

Trabalho gratificante para a saúde dos candangos

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Se fosse pelos colegas médicos da Cruz Vermelha, em São Paulo, onde Martha Margareta Karin Engel de Souza trabalhava, ela jamais teria vindo para a nova capital. “Você é louca, mudar para Brasília... você vai ficar debaixo de árvore, não vai ter onde comer ou dormir. Lá não tem diversão nenhuma”, diziam. “Realmente, aqui não tinha nada, nem diversão, mas eu não estava atrás disso, eu queria vir para trabalhar”, afirma a enfermeira. Segundo ela, as pessoas diziam que seria gasto dinheiro em vão com a construção da cidade e que a obra não iria emplacar. Mas ela nunca deu ouvidos a isso.

O desejo da enfermeira de se integrar aos candangos aumentou ainda mais durante uma visita do presidente Juscelino Kubitschek ao Hospital da Cruz Vermelha nos idos de 1958. “Naquele dia, me deu vontade de pegar no rabinho do avião do presidente e ir embora para Brasília”, comenta. A irmã Úrsula Engel foi contratada pelo Serviço Especial de Saúde Pública—Sesp, a convite de Ernesto Silva, então presidente da Novacap, para vir treinar atendentes para trabalhar no Hospital Distrital (atual Hospital de Base). Quando soube, Marta deu um jeito de vir com a irmã.

Segundo ela, apenas Úrsula,

Arquivo pessoal



que prestava serviços para o Sesp, havia sido chamada. Quando ficou sabendo que a irmã viria para cá, fez um contrato especial às pressas com a instituição para seguir o mesmo rumo. Deu tudo certo. A viagem tão esperada não demorou muito. Em outubro de 1959, Martha desembarcava em Brasília com a certeza de que seu futuro estava aqui. “Quando a porta do avião foi aberta eu olhei para o lado e vi aquele cerradão vermelho e disse para mim mesma: Essa aqui é minha terra. Daqui não saio nunca mais.” A chegada a Brasília foi tão emocionante que a pioneira até esqueceu o nome do avião que a trouxe. “Naquele tempo também havia tantos nomes que nem me lembro mais”, desculpa-se.

A enfermeira tinha motivos de sobra para se mudar para o Distrito Federal. Primeiro porque os pais, em idade avançada, moravam em Goiás, e a filha queria ficar mais perto deles. Segundo, “porque participar da construção de uma capital da República seria muito importante”, orgulha-se. E, por último, o principal: “Eu iria ganhar o dobro aqui. Em São Paulo eu ganhava bem, mas aqui era o dobro do salário”.

Em pouco tempo, as três contratadas—Martha, a irmã e uma terceira enfermeira que veio de Belo Horizonte, Agda Stemler—esbanjavam esforço e dedicação na luta com os serviços burocráticos e nas aulas práticas para o grupo de assistentes. As candidatas primeiro passavam por

uma seleção e depois por um rigoroso teste de conhecimentos gerais e psicostestes. O treinamento durou aproximadamente seis meses. “As aulas eram dadas em pé ou sentadas no chão de uma salinha do Departamento de Saúde Pública, um barraco simples e de madeira que ficava ao lado da Candangolândia. Das 40 selecionadas e treinadas, só 36 entraram na rede. Umas casaram e outras acabaram desistindo.” Martha e as outras duas enfermeiras ensinavam o bê-á-bá da enfermagem, serviços básicos de como fazer a limpeza da cama e dar comida aos pacientes.

Em abril de 1960, as atendentes já estavam a postos no Hospital Distrital e em outros, como o Hospital São Vicente de Paula,

NOS DIAS DE FOLGA, MARTHA APROVEITAVA PARA COLHER FLORES DO CERRADO, SEM SE IMPORTAR COM A SUPERSTIÇÃO DE QUE, QUEM AS TOCASSE, NÃO CASAVA

em Taguatinga, e do IAPI. “No final, elas acabavam fazendo de tudo, até medicação, injeções e curativo”, completa. Terminados os treinamentos, o pessoal do Sesp as convidou para voltar para São Paulo, mas a resposta não poderia ser diferente. “Eu estava em São Paulo louca para vir para Brasília e depois que eu consegui eu iria voltar? Não...”

Dificuldades

Os primeiros meses de Brasília foram realmente muito difíceis para a pioneira, que tinha de se deslocar de um lugar para o outro contando muitas vezes com a sorte. “Tínhamos um jipe velho que, para funcionar, precisava ficar estacionado numa rampa. Caso não pegasse na saída para o trabalho, a gente tinha que empurrá-lo. E quando fazia frio, então?! Ai é que ele não pegava mesmo”, conta. Para voltar, Martha tinha que contar com a solidariedade das caronas ou com a boa vontade de outros. “Como o motorista do jipe era esquecido, às vezes eu tinha que ir num camburão ou no que aparecia na hora. O padre Roque às vezes me levava. Mas ele não tinha dó, me levava só até o restaurante”, lembra. “Depois, o Sesp mandou uma Veraneio chique para a gente.”

No dia da inauguração da cidade, Martha só não ficou a pé graças a uma carona numa lambreta, que pegou para chegar

PIONEIROS

A enfermeira trabalhava na Cruz Vermelha em São Paulo, mas, desde que soube da construção da nova capital, teve vontade de participar da empreitada

até o trailer improvisado próximo à rodoviária para dar suporte médico à população. "Tinha muita gente de fora naquele dia. E tivemos que emprestar o carro, porque não havia transporte na cidade", lembra. Enfurnada no trailer, Martha ficou de fora da grande festa. "Só dava para ouvir os fogos", lamenta.

As refeições, segundo ela, eram feitas num refeitório, nos acampamentos da Novacap. "Lá havia três alojamentos compridos, só a metade de um era para as mulheres. O restante era para os homens. Tinha homem demais aqui naquela época", observa.

Essas dificuldades eram apenas o começo. Depois de inaugurado o Hospital Distrital, Martha foi contratada para trabalhar no pronto-socorro. "Lá tinha acidentado de tudo quanto era jeito. Paciente com queimaduras vindo do Núcleo Bandeirante, vítimas de soterramento, de queda dos andaimes ou daqueles caminhões de lona que transportavam os trabalhadores, que acabavam virando. A gente tinha horário para entrar, mas para sair, não, ainda mais que eu tinha jurado que não deixaria nenhum paciente sozinho", afirma.

A pioneira conta que, quando chegava em casa, morta de cansada e não sabia se ia dormir, tomar banho ou comer alguma coisa, chegava uma ambulância do hospital e ela acabava voltando. "A ambulância passava de casa em casa pegando enfermeiros para prestar socorro", explica. "Aqui tinha muitos acidentes de trânsito também. Quando morava no alojamento da Novacap, eu sempre via, pela manhã, um carro caído na curva da morte — curva que liga a



FOI AQUI EM BRASÍLIA QUE MARTHA CONCHEU O MARIDO, LUIZ, CRIOU OS FILHOS E CURTE OS NETOS

Candangolândia ao Núcleo Bandeirante."

A grande demanda e a urgência por médicos e cirurgiões acabavam deixando as crianças um pouco de lado, segundo Martha, que, depois de um tempo no pronto-socorro, resolveu prestar auxílio no setor de pediatria do hospital. Naquele tempo, superavam-se as dificuldades da falta de estrutura do hospital graças à criatividade das enfermeiras. "Muitas vezes tínhamos que fazer um rolo de cobertor, dividindo o berço, para caber mais de duas crianças. Isso quando tinha cobertor... E o obstetra sempre me perguntava se não tinha um jeito de colocar mais um. O interessante é que naquele tempo não havia problemas com infecção hospitalar." Ela conta ainda que só havia aqueles chuveiros grandes onde davam banho nas crianças. "A gente acabava tomando banho junto com elas, pois nos molhávamos toda", acrescenta.

Foi na pediatria que Martha conheceu o marido, Luiz Alves de Souza, então residente da clínica, que trabalhava no mesmo andar que ela. O casamento

“TÍNHAMOS UM JIPE VELHO QUE, PARA FUNCIONAR, PRECISAVA FICAR ESTACIONADO NUMA RAMPA. CASO NÃO PEGASSE NA SAÍDA PARA O TRABALHO, A GENTE TINHA QUE EMPURRÁ-LO. E QUANDO FAZIA FRIO, ENTÃO?! AÍ É QUE ELE NÃO PEGAVA MESMO

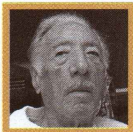
aconteceu em Goiânia, no ano de 1962, depois de um grande susto. Pouco tempo antes do casamento, ele se encontrava no Piauí e só chegou um dia antes da cerimônia. O avião que o trazia veio pingando de cidade em cidade, e quando chegou a Brasília, durante o pouso, bateu no chão, entrou pelo cerrado e acabou ferindo alguns passageiros. "Eu tinha certeza que ele estava no voo. Nesse dia eu estava descansando e aproveitando para arrumar as coisas para o casamento, quando minhas colegas me ligaram avisando que ele estava lá dentro do avião, mas que estava bem e até ajudava no socorro do pessoal. Eu quase fiquei viúva antes de casar."

O ritmo de vida da enfermeira era igual ao de muitos trabalhadores daquele tempo. "Aqui não tinha dia, não tinha noite. A cidade não parava. De uma hora para outra já tinham erguido uma parede ou uma quadra. Todos trabalhavam com o mesmo ideal. Todo mundo queria ser útil e produtivo. Eu tive o privilégio de ver a Esplanada vazia, só nas estruturas metálicas. E isso a gente não vê em qualquer lugar." Mas a vida corrida e as dificuldades não impediam a pioneira de apreciar as coisas boas que a cidade oferecia, como o céu de Brasília. Com pouco tempo de sobra, Martha aproveitava o dia de folga para pescar no córrego Vicente Pires ou colher flores no cerrado. Segundo ela, aqui tinha umas espécies muito bonitas, como a flor-de-brasília, a canela-de-ema e a temida flor-do-celibato, que ela colhia mesmo sob a advertência dos mais supersticiosos. "O pessoal sempre dizia que quem as tocasse não casava."

Raio X

Nome: Martha Margareta Karin Engel de Souza
Origem: Colônia Uvá (colônia alemã fundada em 1924, próxima a Goiás Velho)
Ano de chegada a Brasília: 1959
Profissão: Enfermeira
Estado civil: Casada
Esposo: Luiz Alves de Souza
Filhos: Luiz, Walter e Rodrigo
Netos: Ana Alice, Ernesto, Maria Luíza, Luiz Arthur, Bruna e Pilar Maria
Algumas Medalhas: Medalha de Mérito Alvorada e medalha de Mérito Dr. Henrique Bandeira de Mello

PIONEIROS



Pedro Lettieri

Fé, trabalho e prosperidade na nova capital

Arquivo pessoal



PEDRO, NA FESTA JUNINA DO JARDIM DE INFÂNCIA DA 114 SUL

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

O Catetinho, algumas “casinhas de paus”, obras aqui, ali e um futuro promissor. Essas foram as imagens que o mineiro Pedro Lettieri levou para Araxá depois de um passeio — a convite do pai — de quase seis meses em Brasília no ano de 1959. Naquele tempo, os irmãos, Euripedes e Domingos Lettieri, este oficial de Administração da Novacap, e o pai, Benedito Lettieri, já davam duro por aqui. Por carta, o pai revelava o desejo de trazer o restante da família — o filho Pedro, sua esposa e seus filhos — para cá e construir uma nova vida na região.

“Pedro, eu sempre me lembro de você. Com a prática que você tem do comércio. Aqui, um corte de cabelo são 60 cruzeiros. Eu tenho a intenção de comprar posse aqui no futuro, por sorte o meu dinheiro está empastado e nunca é tarde. Eu tenho fé em Deus que vocês todos vão vir para aqui. Eu sei que ainda não veio porque tem esse serviço aí que não lhe dá tempo. Quando tiver tempo, vem fazer uma visita que você vai tomar nova direção (vai mudar de idéia). Meu caro filho, eu preciso vender esses restos de traia que tenho aí. Vai vendendo aí tudo que eu tenho para apurar dinheiro porque aqui tudo tem mais valor”, escreve o pai de Pedro Lettieri.

Em outra carta, o irmão, Do-

mingos, também descrevia a cidade nos mínimos detalhes e o futuro promissor que ela oferecia. “De acordo com o movimento da Novacap, estou custando a ambientar. Mas estou satisfeito por estar num lugar onde corre dinheiro. Dizem que aqui não tem violão, nem acordeom, nem cantores. O que mais gostei foi de Taguatinga, bom lugar de futuro

e muitos prédios prontos.”

Quando a passeio pela cidade, que ainda não dispunha de telefones públicos, a exemplo do pai, Pedro encontrou na carta o jeito mais fácil de contar para a esposa e os filhos, em Minas, as novidades do passeio e o modo de vida bem diferente que se levava por aqui. Acabou que a carta chegou à residência dos

Lettieri, em Araxá, no mesmo dia que o pioneiro. “Ele contava na carta que aqui era o futuro e que ia voltar só para nos buscar”, lembra a esposa, Oneida.

A viagem rendeu assunto para muitos dias. A esposa conta que, quando ele fora a passeio, já tinha a idéia de fazer alguns negócios e abrir um comércio por aqui. Por isso, resolveu vir em

dois carros. “Ele veio com o irmão na kombi e arrumou um vizinho para trazer o chevrolet. No caminho, o motorista vendeu o carro e fugiu com o dinheiro. A gente nunca mais teve notícia do carro nem do vizinho”, lembra.

Decidida a se mudar para o Planalto, um ano foi o tempo que a família levou para providenciar a mudança, as catiras e a venda do armazém de Araxá. Em meados de 1962, ele já estava de volta, num caminhão, com os móveis e tudo. “Eu vim num caminhão com a mudança, minha esposa e os filhos no carro com meu irmão, Augusto, que morava em Goiânia”, conta Pedro.

As estradas, ora de terra ora asfaltadas, dificultavam a chegada da família. “Levamos um dia e uma noite para chegar a Brasília. Naquele tempo, a construção era muito difícil, e as estradas não ajudavam”. Aos poucos, a vida tranqüila e as boas lembranças de Araxá foram ficando para trás. Ex-vereador e juiz de paz, Pedro trocou a notoriedade que a vida política lhe proporcionava na pequena Araxá pelo anonimato e a vida simples na nova capital.

Generoso e sempre de bem com a vida, Pedro, logo que chegou a Brasília, providenciou um lar para incentivar a fé e a espiritualidade dos novos moradores. O Centro Espírita André Luís tem como um dos idealizadores o pioneiro, que sempre esteve ligado a atividades beneficentes.

PIONEIROS

O pai e os irmãos já moravam na nova capital. Depois de uma visita, foi a vez de o pioneiro vender o comércio que mantinha em Araxá e mudar-se com a família para Brasília

SEGUINDO OS PASSOS DO PAI, PEDRO DECIDIU MUDAR DE MINAS PARA BRASÍLIA COM A NUMEROSA FAMÍLIA EM 1962



Desde o início, o centro se manteve aberto aos candangos. Depois de um dia de trabalho, marceneiros e pedreiros se reuniam para uma oração. A espiritualidade foi um grande suporte na vida dos Lettieri. “Foi com a bondade de Deus e sem medo de errar que consegui criar meus dez filhos”, garante o pioneiro.

O comércio

A abertura do primeiro estabelecimento comercial da família na Candangolândia foi um sonho realizado. O Acha Tudo — nome dado ao armazém de secos e molhados — fazia jus ao nome. Lá, encontrava-se tudo que os pioneiros precisavam. “Da agulha ao pó de café”, lembra Deverson Lettieri, o filho mais novo de dona Oneida. De tão especial, o endereço do estabelecimento ficou bem guardado na memória do pioneiro. “Ele ficava na rua Um, número 61, na Candangolândia.” Os produtos eram trazidos da Cidade Livre (Núcleo Bandeirante) para abastecer o armazém.

Morando de favor com o irmão, Domingos, ao lado do Acha Tudo, a família foi se acostumando à nova vida. “Morávamos eu, o Pedro, nossos dez filhos, meu cunhado e o sogro. Todos numa casinha de madeira”, afirma a esposa. Seguindo ela, da sala, por entre as tábuas, avistava-se tudo no banheiro. “Se entrava alguém, não podia ter ninguém na sala”, comenta. Com o tempo, a família superou todas as dificuldades com muito sacrifício e trabalho. “Quando chegamos, não havia nada por aqui, foi muito difícil”, lamenta. Apesar de motorizado, o deslocamento na cidade era

uma das principais dificuldades do pioneiro.

Uma das boas lembranças daquele tempo era a figura simpática de Juscelino Kubitschek. “Ele era um filho de Deus, não tinha medo de nada, e com ele não havia cerimônias”, define Pedro. Os festejos de inauguração da nova capital também ficaram na memória do pioneiro, apesar de ele passar praticamente todo o tempo no armazém. “Foi um movimento muito grande, que nem se calcula. A festa foi gigantesca.”

A vida em família

À medida que a cidade ia crescendo, o comércio da família também se expandia. Em 1964, o mineiro abriu um novo armazém. Desta vez, na 114 Sul, chamado de Supermercados Lettieri. O da Candangolândia permaneceu funcionando normalmente, sob os cuidados da esposa, Oneida, que levantava sempre às cinco da manhã para abrir o mercado e só retornava por volta das dez da noite. “O Pedro me levava todos os dias na kombi e me buscava. Ele sempre foi muito, muito trabalhador”, garante. O filho Deverson Lettieri, o caçula da família, ainda lembra da lambreta que o pai usava para entregar o

“**LEVAMOS UM DIA E UMA NOITE PARA CHEGAR A BRASÍLIA. NAQUELE TEMPO, A CONDUÇÃO ERA MUITO DIFÍCIL, E AS ESTRADAS NÃO AJUDAVAM**”

pão e o leite na cidade. “Quando não era o funcionário que entregava os pães, era meu pai mesmo quem montava na lambreta e saía cidade a fora.”

Pouco tempo depois, os Let-

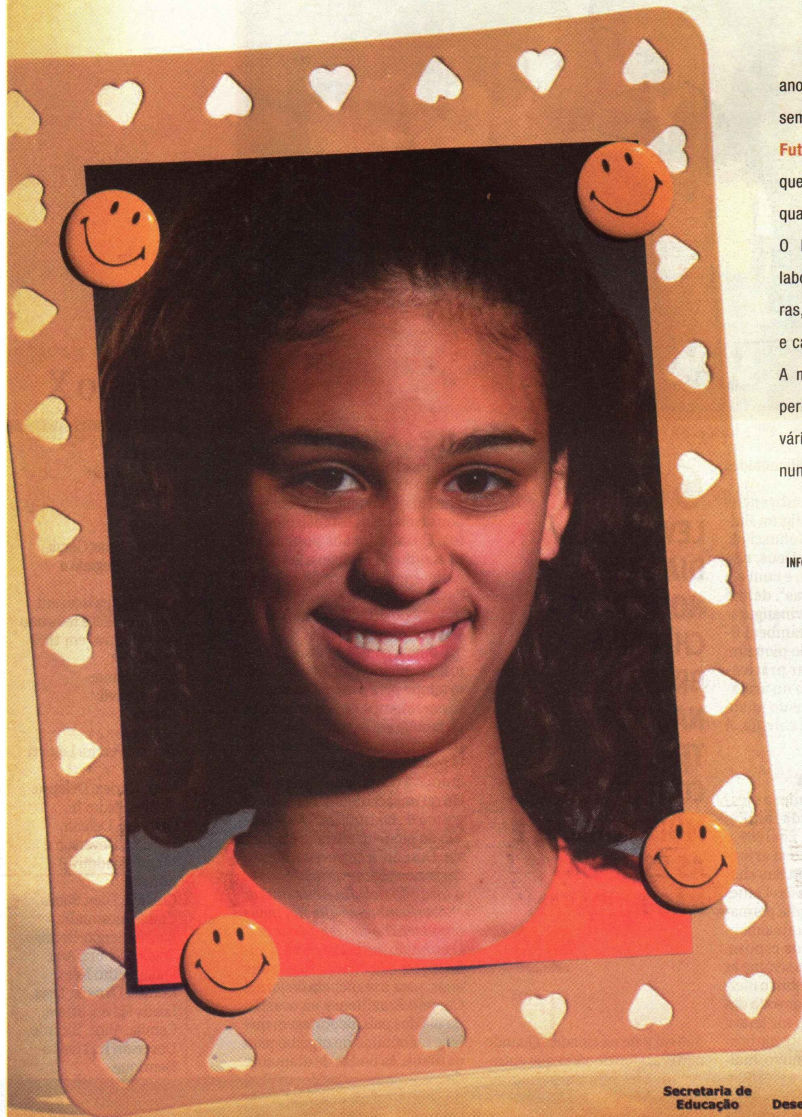
tieri resolveram expandir o comércio na região de Sobradinho e no Guará. Os filhos ficaram responsáveis pelos estabelecimentos. O trabalho aos poucos foi passando de geração a geração. Assim como o pai, os filhos acordavam cedo para fazer a vida. “O brinquedo dos meus filhos era o serviço”, afirma Oneida.

Como o comércio ficava aberto diariamente, não sobrava muito tempo para o lazer. Um dos raros momentos de descontração da família era sentar em volta do pai para ouvir uma boa música. O patriarca da família é quem animava o ambiente com o violão ou um acordeão. Ele sempre gostou de boa música. Outra paixão do pioneiro até hoje é a poesia. Durante a entrevista, ele até declamou alguns versos. “*Se vires a tarde triste/com ar de querer chover/lembre-se que são meus olhos/que choram por não te ver.*” O exemplo de dedicação à família levou os Lettieri, há alguns anos, para a manchete do jornal *Correio Braziliense* na ocasião do dia dos pais. Reportagem que hoje é sinônimo de orgulho para os filhos. As bodas de diamante do casal, comemoradas em abril desse ano, é mais um exemplo de uma união regada com fé, amor, respeito e muito trabalho.

Raio X

Nome: Pedro Lettieri
Idade: 84 anos
Origem: Araxá, Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília: Ele veio a passeio em abril de 1959 e retornou em definitivo em 1962
Profissão: Comerciante
Estado civil: Casado
Esposa: Oneida Pereira Lettieri
Filhos: Diex, Dariex, Deleuse, Denise, Pedro Jr., Delenise, Delenir, Dailson, Deverson e Marlene (adotiva)
Netos: Cristina, Diex, Sheila, Cíntia, Alessandra, Karina, Sérgio, Rodrigo, Edgar, Débora, Ana Paula, Pedro Neto, Denise, Daniele, Lísia, Lúcio, Flávio, Bruna, Camila, Aline, Ricardo, Deverson Jr., Thais e Henrique.
Bisnetos: Luca, Lucas, Luíza e Ruan

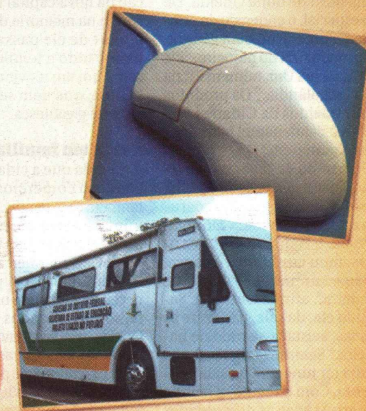
FABI ACABA DE INCLUIR MAIS UMA LETRA NO SEU ALFABETO: @.



Fabi estuda na rede pública do DF. No final do ano, ela vai terminar o ensino fundamental. Mas não sem, antes, aprender informática no projeto **Ligado no Futuro**. Iniciativa da Secretaria de Educação do GDF, que busca democratizar o acesso à tecnologia e qualificar os alunos para o mercado de trabalho. O Ligado no Futuro funciona com três ônibus-laboratório equipados com 12 micros, duas impressoras, sistemas de som e refrigeração, quadro, mesas e cadeiras. Cada unidade cobre uma cidade diferente. A meta é atender 1.440 alunos no período em que permanecer em cada cidade. Fabi já aprendeu a usar vários programas e até a navegar na internet. Ela, que nunca havia saído do DF, agora acessa o mundo todo.

LIGADO NO FUTURO

INFORMÁTICA E QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL PARA ALUNOS DA REDE PÚBLICA.



Secretaria de
Educação

Secretaria de
Desenvolvimento Tecnológico

